

**AS REVIRAVOLTAS DE UM FEMININO TRANSGRESSOR NO CLÁSSICO FILME
*BONEQUINHA DE LUXO***

Deusélia Gonçalves de Sousa PASSOS¹

Elaine Stimer DALLA VECHIA ²

Jane Adriane GANDRA³

RESUMO

O presente trabalho intitulado *As reviravoltas de um feminino transgressor no clássico filme Bonequinha de Luxo* tem como objetivo analisar o protagonismo feminino quanto à sua imagem e trajetória durante o filme referido. Como metodologia, foram utilizadas a pesquisa bibliográfica e análise literária sobre o assunto. Dos resultados alcançados, constatou-se que o filme retrata o feminino diante de um tema polêmico que é a prostituição. A personagem central, Holly, inicia com uma postura insensível e calculista e termina de maneira romântica, pois conhece o amor ao lado do seu vizinho e amigo, Paul.

Palavras-chave: *Bonequinha de Luxo*. Feminino. Prostituição. Matrimônio/Patrimônio. Anos 60.

ABSTRACT

This present work, entitled "The Twists of a Female Transgressor in the classic film; Breakfast at Tiffany's", aims to analyze the female role as in its image and career during this reported film. As methodology were used the literature review and the literary analysis regarded on the subject. From the results achieved, was found that the film portrays the female up to a controversial topic that is prostitution. The main character, Holly, begins with a callous and calculating posture and finishes in a romantic way because she finds love next to her neighbor and friend, Paul.

Keywords: Breakfast at Tiffany's. Female. Prostitution. Marriage / Heritage. 60's.

¹ Acadêmica da Especialização *Lato Sensu* em Estudos Literários da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: mayahelo@yahoo.com.br

² Acadêmica da Especialização *Lato Sensu* em Estudos Literários da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: elaine_scherer@yahoo.com.br

³ Orientadora deste artigo e Professora Doutora da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Posse. E-mail: jaggandra@ig.com.br

INTRODUÇÃO

Esta reflexão é fruto de um estudo realizado sobre o filme clássico *Breakfast Tiffany's*, na versão portuguesa intitulada *Bonequinha de Luxo*, com o propósito de investigar, por meio do viés literário, as representações e as transformações que sofrem a protagonista Holly Golightly no decorrer da história fílmica. Portanto, serão apresentadas no percurso desta discussão uma rápida teoria sobre gênero, sobre questões culturais dos anos 60 nos Estados Unidos e apontamentos acerca do psicológico dos personagens Holly e Paul no longa-metragem citado.

A década de 60 nos Estados Unidos representou, no início, a realização de projetos culturais e ideológicos resultantes das posturas puritanas da década de 50. Esta última foi marcada por uma crise de moralismo rígido da sociedade, expressão remanescente do Americano que não conseguia mais empolgar a juventude.

Foi então que houve uma explosão de interferências dos jovens em todos os aspectos, opondo-se suas ideias à contracultura. Revolucionando não só na moda, mas de maneira geral, nas normas morais, nos costumes e no olhar sobre a sexualidade. Dois desses exemplos podem ser extraídos pelo aparecimento e sucesso do *rock and roll* e a dança frenética de Elvis Presley, como também nas tendências da moda, que substituíram as saias rodadas de Dior, adotando as calças cigarretes, num anúncio de transgressão e de busca de liberdade e direitos constitucionais igualitários em relação ao homem. Sobre essas revoluções nos anos 60, Erin Hobsbawn considera que foi decisiva

[...] a transformação das relações familiares ocidentais tradicionais e, especialmente, na emancipação da mulher. Essas transformações têm, sem dúvida, se desenrolado numa escala muitíssimo mais gigantesca que nunca desde meados do século, mas, na verdade, foi durante a Era dos Impérios que a "nova mulher" se revelou pela primeira vez como um fenômeno significativo e que os movimentos políticos e sociais de massa dedicados, entre outros temas, à emancipação da mulher se tornaram forças políticas: notadamente os movimentos trabalhistas e socialistas. Os movimentos de mulheres no Ocidente podem ter inaugurado uma fase nova e mais dinâmica nos anos 1960, talvez em boa medida como resultado do grande aumento da entrada de mulheres, especialmente casadas, no mercado de trabalho remunerado fora de casa, mas trata-se só de uma fase de um acontecimento histórico importante, cuja trajetória se inicia no período que nos ocupa e, para fins práticos, não antes (HOBSBAWM, 1998, p. 293).

Especificamente em relação ao filme *Bonequinha de luxo*, sendo uma releitura fílmica do livro homônimo *Breakfast Tiffany's*, de Truman Capote – mesmo mostrando uma imagem mais moderna de mulher (mais politizada, decidida e autônoma) – o enredo do filme sofreu adaptações⁴, devido à uma posição conservadora da época, que tratavam temas como prostituição, bissexualidade e drogas como tabus. Tanto assim que, no projeto inicial, quem protagonizaria seria Marilyn Monroe, mas os produtores consideraram que não seria bom para a sua imagem representar uma prostituta. Dessa maneira, na intenção de tornar a personagem mais adequada para o público da época, chamaram Audrey Hepburn para o papel principal.

Embora, como já citado, o filme tenha sofrido censura em relação ao enredo original, a nova versão fílmica de *Bonequinha de Luxo* agradou tanto o público como a crítica, com a história de amor entre Holly e Paul, que recebeu várias indicações a prêmios como uma das melhores produções da indústria cinematográfica e musical⁴. Além disso, a atuação de Audrey Hepburn é tão impressionante que ela passa a ser um ícone de *glamour*, ao emprestar toda a sua elegância e delicadeza à personagem. Neste sentido, *Bonequinha de Luxo* torna-se um clássico em matéria de cinema, moda e cultura norte americana nos anos 60.

DECIFRANDO HOLLY POR MEIO DOS SÍMBOLOS

Em toda obra de arte, encontramos símbolos ou imagens que nos ajudam na interpretação da obra. E nesse filme há alguns interessantes para compreendermos o filme e sua personagem central.

O título do filme *Bonequinha de Luxo* remete-nos a uma reflexão primeira sobre o motivo do emprego do termo bonequinha. Se pensarmos na ocupação e artimanhas de Holly, ela não tem nada de bonequinha, no sentido de fragilidade e inocência. Assim, o título é uma amenização da questão da prostituição em um momento de muito conservadorismo nos Estados Unidos. Também podemos pensar que a palavra bonequinha representa o fato de ela ser um brinquedo nas mãos dos amantes, com o único propósito de satisfazê-los sexualmente, sem

⁴ Ver Edwards, 1961. Neste ano, *Bonequinha de Luxo* completará 54 anos. O filme recebeu indicação para cinco Oscar em 1962. Contudo, venceu em apenas duas categorias, o de “Melhor Trilha Sonora Original”, de Henry Mancini e “Melhor Canção” *Moon River*, de mesma autoria. Recebeu ainda duas indicações para o Globo de Ouro, no mesmo ano. Sempre finalista ou vencedor nas indicações que recebe, a lista estende-se ainda ao Grammy em 1961.

desenvolver vínculos afetivos. Já o adjetivo “de Luxo” relaciona-se a um mundo de ostentação, luxúria e futilidades.

Já em relação aos símbolos, o primeiro dessas representações que ressaltamos é a presença do gato como animal de estimação de Holly. No *Dicionário de símbolos*, Jean Chevalier e Alan Gheerbrant (2003) definem que a figura do gato tem um “[...] simbolismo [...] muito heterogêneo, pois oscila entre as tendências benéficas e as maléficas, o que se pode explicar pela atitude a um só tempo terna e dissimulada do animal” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p.461). Assim, o gato é uma figura importante para compreender a personalidade esquiwa e oculta de Holly. O seu único animal de estimação, o gato, não tem nome.

[...] pobre velho gato, pobre palerma, pobre palerma sem nome, do jeito como eu penso não tenho direito de lhe dar um nome, não pertencemos um ao outro, só nos encontramos um dia lá no rio, nem quero mesmo ter nada até que eu possa encontrar um lugar para mim em que tudo fique bem [...]é como a Tiffany’s (EDWARDS, *BONEQUINHA DE LUXO*, Holly, 1961, 8min)⁵.

Como ela, que trocara de nome algumas vezes, o gato é um ser sem vínculo, livre, sem raízes e identidade, como se vê pela sua fala.

Eu nem sei quem eu sou, eu sou como o gato aqui, somos uma dupla de palermassem nomes, não pertencemos a ninguém, ninguém nos pertence, e nem mesmo pertencemos um ao outro (EDWARDS, *BL*, Holly, 1961, 1h 49min).

Foram tantas as situações que teve que adotar nomes falsos, dissimular sentimentos que Holly parece ter se esquecido de quem realmente era.

Para ela, enquanto na posição dominadora de gata, tem valor somente os homens que possuem riquezas. Mas quando vinha a decepção, por ter sido iludida e usada por eles, não hesita em chamá-los pelo depreciativo nome de ratos. Ainda em consulta ao *Dicionário de símbolos*, é assinalado que o rato pode se referir a “uma criatura temível, até infernal” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p.770). Para Holly, homens que, ao mesmo tempo, representavam a sua salvação eram também a sua ruína.

Esclarece-se que os dois símbolos apresentados inicialmente caracterizam a primeira fase da personagem Holly como insensível, ambiciosa e interesseira, que vê o casamento como

⁵ A partir desse ponto do texto, utilizaremos nas citações a abreviatura BL para *Bonequinha de Luxo*.

uma forma de ascensão social. Agora, serão apresentadas duas outras alegorias que vão se tornar decisivas para o renascimento de outra mulher, sensível e apaixonada.

O anel é um desses elementos que demarca a mudança de caráter de Holly. Na teoria discutida por Chevalier e Gheerbrant (2003), entende-se que este símbolo “[...] serve essencialmente para indicar um elo, para vincular. Assim ele aparece como signo de aliança, de um voto, de uma comunidade, de um destino associado (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p.53)”. Particularmente na história de amor entre Holly e Paul, percebe-se que o anel é a marca do amor genuíno, que um sente pelo outro. Ele não tem valor comercial, mas sentimental.

Chegando à discussão do último elemento, a água, Jean Chevalier e Alan Gheerbrant (2003, p. 15) consideram que este símbolo pode ser interpretado como fonte de vida ou meio de purificação. Depois de uma calorosa discussão com Paul, Holly percebe seu erro e o amor que sente por ele. Nesse momento da trama, chove muito e os personagens estão encharcados. A água na cena representaria tanto um processo de purificação como de regeneração. Ser banhada/batizada pela chuva é muito emblemático, pois simbolizaria um novo recomeço de vida, como se os erros do passado fossem lavados, ressurgindo uma nova mulher.

PAPÉIS TROCADOS ENTRE HOLLY (HEROÍNA REALISTA) E PAUL (HERÓI ROMÂNTICO)

Antônio Candido, em seu livro *A personagem*, resume que

A personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste (CANDIDO, s. d, p.24).

No filme *Bonequinha de Luxo*, há uma estória verossímil contada sobre uma personagem que se aproxima da realidade, uma vez que Holly (como muitos indivíduos no mundo capitalista) manifesta seu sonho de casamento combinado com alto padrão aquisitivo, mesmo que não se tenha afeto envolvido.

Pelas reviravoltas que o enredo sofre por meio das intervenções da protagonista,

Holly é uma personagem convincente e se inclui na galeria de personagens esféricas.

Isto é,

A prova de uma personagem esférica é a sua capacidade de nos surpreender de maneira convincente. Se nunca surpreende, é plana. Se não convence, é plana com pretensão a esférica. Ela traz em si a imprevisibilidade da vida, — traz a vida dentro das páginas de um livro (FORSTER, p.75 *apud* CANDIDO, s. d, p.28).

Dessa maneira, Holly é uma protagonista que nos envolve e nos convence de que o fato vivido por ela poderia ser real. A protagonista do filme *Bonequinha de Luxo*, Holly Golightly⁶, é sedutora, carismática e anticonvencional. Apesar de seu nome significar na língua inglesa sagrado, toda a sua trajetória degradante diz o contrário. Holly, a personagem retratada por Blake Edwards, tem o desejo de ascender rapidamente na escala social e, por isso, tematiza o casamento como forma de ascensão econômica, considerando o dinheiro como único meio de redimir todos os males. Dentro desses aspectos, ela é trabalhada emocionalmente, apesar de tentar esconder seus conflitos interiores. Pode-se afirmar, como esclarece Antônio Candido quanto à personagem, que Holly faz parte de uma galeria de tipos esféricos, pois “a prova de uma personagem esférica é a sua capacidade de nos surpreender de maneira convincente”, (CANDIDO, s.d, p. 47). Assim, no final quando Holly, apesar de ter sido ambiciosa e calculista durante a trama, acaba cedendo ao amor de Paul, o telespectador aceita como verossímil, já que ela demonstrava também ser uma pessoa carente afetivamente.

Outro ponto que define a personagem é a sua obsessão pela *Joalheira Tiffany's*.

Sou louca pela Tiffany's. Escuta sabe aqueles dias em que você está no vermelho. Estar no vermelho? [Indaga Paul] E estar no azul? [Pergunta Paul. Holly responde]:O azul é quando se está ficando gorda ou esteja chovendo a muito tempo, você fica triste, mas estar no vermelho é horrível, de repente você fica com medo e não sabe do que, você já sentiu isso? [Paul responde] :Claro. [Holly continua]:Quando me sinto assim a única coisa que me faz bem é pular dentro de um táxi e ir a Tiffany's, me acalma na mesma hora, aquela quietude e aparência, nada de ruim pode lhe acontecer lá, se eu encontrasse um lugar que eu me sentisse como me sinto na Tiffany's, então, então eu compraria alguns móveis e daria nome ao gato (EDWARDS, *BL*, Holly, 1961, 9min).

⁶ O nome de batismo dela era Lunna Ney. O nome de Holly foi adotado depois que ela foi para Nova York, fugida do marido.

Como se pode constatar pela fala da personagem Holly, a joalheria parece representar um lugar de refúgio e, principalmente, de um sonho a ser alcançado. Entende-se com isso que a mesma deseja imensamente é a ascensão social, e esta joalheria é a expressão de luxo e elegância. A Tiffany's é o mundo que ela almeja, onde ela tenta se livrar das opressões pelas quais passou e passa. Representaria, portanto, um espaço de paz, pertencimento e purificação.

Há ainda outros elementos que parecem complementar a ideia de uma personagem nostálgica, como por exemplo a trilha sonora *Moon River*, de *Andy Williams*. Num dos episódios do filme, a protagonista, sentada na janela, interpreta essa música, provocando em quem assistiu ao filme um sentimento de tristeza e de empatia com Holly.

Além disso, o comportamento de Holly para a época é muito avançado e considerado por muitos como promíscuo, que viola o que é considerado sagrado e moral.

Holly, nesse aspecto, tem um lado demoníaco e sua conduta subverte o poder patriarcal, aproximando-a da figura lendária da primeira mulher de Adão, Lilith⁷.

[Lilith] é um demônio noturno, a paixão da noite, anjo exterminador das parturientes, assassina de recém-nascidos, sedutora dos adormecidos, uma prostituta voluntariosa ou, para um juízo mais são, uma vontade poderosa que não se dobra diante da pressão masculina e prefere a transgressão à vassalagem. Lilith é ímpeto sexual, mulher emancipada e em fuga, sombra maligna por se haver considerado em pé de igualdade com os homens; é igualmente a mais remota concepção feminina (ROBLE, 2006, p. 35).

Holly é como Lilith, considerada como um mulher/demônio pelo seu comportamento anticonvencional e antipatriarcal, que assusta e ameaça à instituição da família. As mulheres, mães de famílias, temem o surgimento de uma Holly, de uma Lilith, que possam destruir seus lares, levando consigo seu cônjuge, destruindo seu lar.

Ao tentar fugir da vida miserável que tinha, Holly elimina definitivamente qualquer tipo de escrúpulo e elege o casamento como meio de ascender socialmente.

[Holly fala] Captura imediata com o propósito de matrimônio com o Sr. Ruthedor, Rusty Tawler para os amigos, os quais tenho certeza que tem muitos dólares. [Paul pergunta] Quem?! Rusty Tawler, você o conheceu em minha festa a umas duas semanas, ele veio com Mag Waldgher, não é aquele belo

⁷ Ver SICUTERI, s.d, p.14. Lilith é então apontada não como mulher, mas como demônio, desde o início da relação com Adão.

tipo latino, não! É o outro o que se parece com um porco, você lembra? O nono homem mais rico da América com menos de cinquenta anos (EDWARDS, *BL*, Holly, 1961, 1h02min).

Dessa maneira, a ideia de Holly de associar matrimônio e patrimônio reforça ainda a inadequação de seus pretendentes (não sentia amor e o homem era asqueroso de feio) e ressalta que o poder aquisitivo deles é o verdadeiro fator atrativo nessa relação. Durante a trama, Holly investe em vários pretendentes, como o brasileiro José da Silva Pereira⁸, com o intuito de conquistar casamentos financeiramente vantajosos, mas sem obter sucesso, frustrasse e revoltasse contra os homens, chamando-os de *ratos*.

Tocante? Aquele salafário. [Diz Holly]. Tudo bem então ele não é um rato comum, não é mesmo um super rato, ele é só um camundongo assustador, ah meu Deus, ah que droga! (IDEM, Holly, 1961, 1h47min).

O fato como conduz a sedução desses homens endinheirados, torna Holly uma personagem manipuladora e insensível e, certamente, uma mulher mais realista em relação ao mundo capitalista em que vive. Nessa medida, Holly é uma personagem que, até se perceber apaixonada por Paul, prioriza o dinheiro em detrimento do amor e não tem remorsos por suas investidas interesseiras.

Outra postura que impressiona é que Holly vai se transformando no decorrer da história, de bela dama, senhora de si, a uma menina frágil e apaixonada que acaba cedendo ao amor. A extraordinária capacidade que tinha de ser livre e indiferente aos sentimentos alheios desfez-se diante do amor desinteressado que Paul lhe ofertava.

Já Paul é uma personagem plana que se mantém durante todo o drama. Ele é um personagem cativante, tem um idealismo que se aproxima às qualidades do herói romântico: belo, justo, honesto e apaixonado. Como se sabe, no Romantismo acontecia uma hipervalorização dos sentimentos e das emoções pessoais. Esse sentimentalismo exagerado está refletido nos enredos que, em sua maioria, consistem em histórias de amor ou, quando este não é o mote principal, em histórias em que o amor e a paixão prevalecem. E para Paul era o amor que ele sentia por Holly que prevalecia e não o dinheiro. Tanto que, quando ele se apaixonava por

⁸ Apesar de não ser objeto desta análise, é curiosa a imagem que o filme veicula sobre o Brasil e do brasileiro, na figura de José da Silva Pereira. Primeiro pelo sobrenome convencional de Silva Pereira, fazendo parecer que todo brasileiro tem esse sobrenome. Depois, o fato de este pretendente ter como profissão a agropecuária, fantasia que se cristalizou como sendo o Brasil predominantemente uma selva. Na voz da personagem Holly, em seu americanismo crítico, ela confunde as particularidades da América do Sul e, às vezes, suas referências ao Brasil se fundem com o restante do território.

ela, ele termina a relação com a amante que o sustentava, pois acredita que é abominável estar apaixonado por uma mulher e dormir com outra.

Isso não tem nada a ver com ela, isso é entre você e eu. Tuy você é uma garota de muita estima, não podemos terminar isso assim. Curiosamente ela é uma garota que não pode ajudar ninguém nem a ela mesma, o fato é que eu possa ajudá-la e é um sentimento bom pra variar (IDEM, Paul, 1961, 1h23min).

Desde o início em que se conhecem, Holly quer estabelecer uma relação fraternal com Paul e não sexual, por isso ela o chama de Fred (nome de seu irmão querido). Contudo, ela se sente atraída por Paul, fato que pode ser confirmado no momento em que ela, mesmo chamando-o de Fred, beija-o na boca. Para Holly, foi uma situação de constrangimento e confusão, pois ela sentia-se à vontade com ele, como uma irmã, e atraída ao mesmo tempo.

Paul, ao contrário de Holly, mantém-se nitidamente filiado, do início ao fim do enredo, aos ideais românticos. Sua conduta e caráter lineares confirmam a tendência dele ser um personagem plano. Ou seja, personagens planos são aqueles que revelam uma única qualidade e/ou ideia, com personalidades constantes, sem grandes mudanças, apresentando condutas repetitivas, normalmente visando um reconhecimento ou aceitação pelo outro, conforme Antônio Candido (s. d).

Geralmente, outra tendência, dentre os heróis românticos como Paul, é o fato de serem motivados pela emoção, assim estão sempre obedientes às determinações da mulher amada. Vale dizer ainda que, diferentemente de Holly, Paul não tem revelados os seus conflitos existenciais.

Holly diz: Eu vou te dizer uma coisa Paul querido, pelo seu dinheiro eu casaria com você em um segundo, casaria comigo pelo meu dinheiro? Paul responde: Em um segundo. Holly diz: Então acho que é sorte que nenhum de nós seja rico. Paul responde: E. (IDEM, Holly, 1961, 1h07min).

Se, para Holly, sua ambição se resume em ter uma vida melhor, casando-se com alguém rico, para Paul, ser feliz é ter a mulher amada em seus braços. Nesse sentido, são notáveis as diferenças entre os protagonistas do filme a *Bonequinha de Luxo*.

Julius Evola ressalta que essa imagem mulher moderna, que subverte os padrões patriarcais, hoje ganha espaços antes nunca imaginados.

[...] tipos femininos mais fascinantes e excitantes já não são, como outrora, conhecidos apenas nos espaços restritos dos países onde vivem ou onde se encontram. Atualmente esses tipos são cuidadosamente selecionados e exibidos de todas as maneiras possíveis pelo cinema, as revistas, a televisão, os desenhos animados, etc., e, sob a forma de atrizes, «estrelas» e misses, tornam-se o centro dum erotismo cujo raio de ação é internacional e intercontinental, ao mesmo tempo em que é coletiva a sua zona de influência, não povoando as camadas sociais que noutros tempos viviam dentro dos limites duma sexualidade normal e anódina. Importa pôr em relevo o caráter de celebridade desta pandemia moderna do sexo. Não se trata de impulsos mais violentos que se manifestam apenas no plano físico, dando origem, como em épocas passadas, a uma vida sexual exuberante, desinibida e até mesmo libertina (EVOLA, 1976, p.11).

Contudo, na época de produção do filme hollywoodiano, a personagem Holly, como já falado, sofreu cortes de cunho moralista. E o seu desfecho confirma que “[...] a estrela [referência a atriz] é, antes de tudo, um produto industrial. Inserida no contexto da mercadoria ‘filme’, a estrela é um artigo manufaturado e submetido a uma metamorfose pelo estúdio” (GUBERNIKOFF, s.d, p. 71).

Nesse aspecto, os filmes hollywoodianos sempre tiveram a intenção de expandir a vendagem de seus “filmes” e atingir as massas, porque isso renderá milhões de dólares ao cinema americano. Por outro lado, o cinema se torna um importante veículo que dita um estilo de vida, moda, comportamentos, etc. Enfim, a sua função é tematizar algo que faça a diferença e que chame a atenção do telespectador. Assim, é importante que as pessoas se identifiquem com a situação que é apresentada. Por isso, talvez, o final destinado para Holly tenha sido o de moça bem comportada e que se casa por amor, preservando a instituição familiar. Ajudando, nesse sentido, a consolidar a imagem de uma mulher submissa à proteção patriarcal, numa época ainda muito conservadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aconteceram na década de 60 muitas transformações em todos os aspectos: sociais, econômicos, políticos e comportamentais. A década de 60, na verdade, foi uma consequência de comportamento e vivências da década de 50, que estava sendo assombrada por uma crise de moralismo.

O filme narra sobre as relações do feminino em relação, a um tema bastante polêmico e audacioso para a época, a prostituição. A personagem central, Holly começa a trama com um comportamento desprovido de qualquer pudor para alcançar seus objetivos e termina de

maneira romântica e dócil, quando cede aos encantos de seu amigo Paul. Já Paul, um romântico convicto, quer encontrar e viver um grande amor. É um herói romântico que tenta a todo tempo tirar Holly dessa vida promíscua e desvirtuada. Assim, quando Paul se apaixona por Holly seu único desejo é conquistar a mulher amada e construir com ela uma família. No entanto, Holly, está sintonizada num tipo de vida regada a festas, orgias, bebidas e ostentação, sempre na busca de encontrar um homem milionário que a assuma. Por isso, durante todo o filme, a protagonista demonstra somente sua tendência de conseguir ascensão social por meio do matrimônio. Pelo desfecho que tem a protagonista do filme, entende-se que a imagem que Hollywood quer vender é a da mulher submissa muito aproximada dos padrões da época. Devido a isso, escolhem a atriz Audrey Hepburn para interpretar a personagem Holly, pois acreditavam que ela seria o modelo de mulher casta e ingênua dos anos 60.

REFERÊNCIAS:

CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. In. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora. Perspectiva, s.d.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. RJ: José. Olympio, 2003.

EDWARDS, Blake. *Bonequinha de Luxo*, Produção de Blake Edwards, Paramount

Pictures, Martins Jurow, Richard Shepherd, roteirista George Axelrod, baseado no romance de Truman Capote, 1961, A Bonequinha de Luxo.

EVOLA, Julius. *A metafísica do Sexo*. Lisboa: Distribuição Quadrante/ Edições Afrodite, 1976.

FORSTER, E. M. Personagens esféricas e planas. In. CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora. Perspectiva, 1976

GUBERNIKOFF, Giselle. O cinema e seu público. In: *Metáfora da arte*. AQUINO, V. (Org.). São Paulo: USP/MAC, 2008.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios*. Tradução Sieni Maria Campos e Yolanda, Steidel de Toledo; revisão técnica Maria Célia Paoli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ROBLES, Martha. *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos*. Tradução William Lagos e Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

SICUTERI, Roberto. *Lilith. a Lua Negra*. Tradução Norma Telles e J. Adolpho S. Gordo. 3ª Edição. São Paulo: Edição Paz, s.d.